

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Academia Mato-grossense de Letras)

CENTENÁRIO DE COUTO DE MAGALHÃES

(Discurso proferido pelo presidente da Academia Matogrossense, desembargador José de Mesquita, na sessão comemorativa do centenário de nascimento do patrono José Vieira Couto de Magalhães.)

Cuiabá
Revista da Academia Mato-grossense de Letras
Ano VI — TOMOS XI e XII
1938

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

CENTENÁRIO DE COUTO DE MAGALHÃES

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo
Illustres autoridades
Minhas Senhoras
Senhores
Exmo. Sr. Governador Julio Müller:

A Academia Matogrossense de Letras e Instituto Histórico de Matto-Grosso recebem, com a mais grata e cordial satisfação, a sua honrosa visita a esta Casa, que é o centro irradiador da Cultura intelectual de nossa terra.

Prosseguindo na sua tarefa de glorificação dos nossos próceres da inteligência e do saber, inaugura a Academia, aproveitando este feliz ensejo, mais dois retratos da “galeria de patronos”, que são João Severiano da Fonseca e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, das cadeiras nº 8 e 20, ocupadas, respectivamente, pelos acadêmicos Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano da Silva.

A circumstancia feliz de coincidir a sua visita com a commemoração que, hoje, fazemos do centenário do nascimento do grande brasileiro José Vieira Couto de Magalhães, tão ligado, por imperecíveis serviços, ao nosso

Matto-Grosso, propicia-nos uma serie de felizes e oportunas reflexões.

Couto de Magalhães, patrono de uma das cadeiras da Academia Mattogrossense, justamente aquella que tenho a honra de occupar, pode ser encarado sob múltiplos aspectos, tal a projecção multiforme de sua nobre individualidade, illuminada sempre por uma alta e sadia comprehensão do verdadeiro nacionalismo. Prefiro, porem, no ensejo que se nos offerece, apreciar nesse extraordinário vulto da nossa Historia, o administrador, a quem coube em phase critica e delicada, dirigir os destinos da província de Matto-Grosso.

Ponho assim em relevo a figura desse ínclito varão, sob os aspectos que mais de perto nos dizem respeito e que nos offerecem lições praticas, á luz da actualidade.

Ao assumir o Governo de Matto-Grosso, em 1866, Couto de Magalhães não tinha ainda 30 annos de idade, sendo de notar que, com 23, já era nomeado Presidente de Goyaz.

Cáe-lhe nas mãos o bastão de commando quando justamente parecia tocado de trágica fatalidade.

Carneiro de Campos, preso a bordo do “Marquez de Olinda” determinando o deflagrar da guerra tremenda; o Visconde de Camamú e o general Galvão, mortos antes de chegar á sede do Governo; o general Drago, ficando no Triangulo Mineiro, annuviavam de negras perspectivas o advento do novo presidente — menino, como, sarcástica, o apodara a opposição.

E Couto de Magalhães, em menos de dois annos de administração, sorprehende os seus próprios adversários, revelando-se o homem talhado para o momento.

Conhecedor perfeito das necessidades da província, na hora aziaga e má em que lhe coube gerir-lhe os destinos, ataca, de frente e resolutamente, dois problemas primaciaes, que resolve dum golpe — a defesa contra o inimigo externo e as vias de communicação.

A retomada de Corumbá e a navegação pelo Aragua-

ya, marcam, para todo o sempre, a passagem do jovem administrador pelo palácio de Cuyabá.

O primeiro é um feito épico, que se incorpora gloriosamente ás mais bellas gestas da nossa Historia militar, levado a effeito num lance de audácia e de denodo cívico, a 13 de junho de 1867.

O segundo, não menos arrojado commetimento, verdadeiro “sonho do homem accordado”, conseguindo transportar, através de mais de cem légoas de sertão, o *Araguaya-meri-assu*, que fez sulcar as águas do grande rio lestino, foi, por sem duvida, uma dessas realizações heróicas, bastantes a immortalizar o seu auctor.

Não quero, nem devo alongar-me, esmerilhando, á luz da critica histórica, os actos do Governo de Couto Magalhães. Não é esta a occasião, nem o momento o permite. Quero, sim, tirar dos factos apontados, as conclusões que se impõe.

V. Excía. Sr. Governador, assume a direcção dos públicos negócios, após um período agitado de nossa vida politica e em hora sombreada por densas apreensões.

E encontra, como Couto de Magalhães, dois grandes problemas, dois máximos problemas a resolver — a defesa contra o inimigo externo e as vias de communicação.

O inimigo externo, mil vezes peor que os lopiztas de 1866, é o torpe comunismo russo, que tenta infiltrar-se em nosso país, fazendo do Brasil independente que nos legaram, com o preço do seu sangue, os nossos ancestraes, uma colônia de Moscou.

Felizmente que, tocada de um grande sentimento de brasilidade, toda a Nação desperta, pelos seus órgãos mais representativos, na reacção salutar contra os seus inimigos.

E V. Excía. Sr. Governador, saberá, no momento azado, oppor-se a barreira inexpugnável que o seu sentimento de patriota lhe inspira, na defesa do Brasil.

O problema das communicações e transportes —

que constitue outro aspecto primordial da defesa interna do Estado — ahi está a exigir do seu amor á nossa terra um prosseguimento efficiente e á altura dos nossos imperativos econômicos.

O relativamente curto período da sua administração não deverá servir de impedilho á realização dos planos de Governo, que a experiencia lhe dictar.

Também o glorioso diamantinense, que hoje festejamos, teve a sua gestão limitada no tempo e premiada por angustiantes preoccupações.

Que Deus lhe dê as suas luzes, a energia e a serenidade necessárias para defrontar, com êxito, os grandes problemas que se lhe deparam, são os votos que, em nome do Instituto e da Academia, em agradecendo a distincção desta visita, sinceramente formulamos.

Na sua mocidade, no seu ardor cívico e no seu conhecimento de nossas necessidades prementes, encontrará V. Excía. outros tantos incentivos a coroar de successo os seus empreendimentos.

O espírito de Couto de Magalhães, nobre e puro padrão de brasilidade, seja o guia de seus actos inspirados no mesmo intuito do grande brasileiro — servir, com amor e desinteresse, á nossa terra e á nossa gente!